

GRAMSCI O FASCISMO E A IMPRENSA OPERARIA NAS DÉCADAS DE 1910 E 1920

BARBOSA, Jefferson R.¹

Resumo: Antonio Gramsci foi um dos primeiros marxistas a investigar a dinâmica de desenvolvimento das condições que propiciaram o que ele denominou de Regime de Estatolatria, sendo suas primeiras análises focadas na atuação das milícias na sociedade italiana, v seus posicionamentos foram se alterando conforme os *fascio de combattimento* foram se transformando em suporte para a instauração do regime fascista. A sofisticação da análise na compreensão da gênese e função social das ideologias chauvinistas é elevada ao nível da dimensão da compreensão da particularidade e totalidade do fenômeno ao compreender o Fascismo como uma nova forma de reorganização do sistema capitalista sob a lógica de um Estado de Exceção.

Palavras-chave: Fascismo; Intelectuais; Imprensa

Introdução

Gramsci apontou que a esfera ideológica ganhou materialidade autônoma frente ao Estado. Pois, os grupos políticos precisam fundamentar sua manutenção, ou busca pela hegemonia, através de proposições para a direção política nos novos espaços abertos em sociedade. Assim os órgãos de difusão cultural, como por exemplo, os meios de comunicação e instituições sociais, como por exemplo, sindicatos, igrejas e escolas, abriram novas possibilidades de ação para intelectuais de matizes diversas.

Nesta perspectiva, a nova estratégia política para o ocidente é a guerra de posições. Porém, as possibilidades de obtenção do consenso em busca da hegemonia são proposições abertas a ação de intelectuais comprometidos de ideologias diversas. E, as ações de intelectuais chauvinistas, que através de partidos e órgãos da imprensa são ativistas na sociedade civil para a construção de regimes de Estatolatria, desenvolvem estratégias para a ocupação de espaços na sociedade e para a difusão de uma concepção no plano cultural, baseada em pressupostos nacionalistas para a defesa de um modelo autocrático de organização societária.

¹ Professor de Ciência Política da Universidade Estadual Paulista – Unesp. jrb@marilia.unrsp.br

As superestruturas da sociedade civil são compreendidas metaforicamente como trincheiras de guerra instrumentalizadas por agrupamentos políticos diversos.

Para Antonio Gramsci (2004) todos os grupos sociais desenvolvem segmentos intelectuais com o objetivo de proporcionar homogeneidade e consciência de suas próprias funções², objetivando a necessidade de criar condições para a expansão de sua própria classe ou fração de classe.

A ênfase de Gramsci na necessidade de estudar o papel exercido pelos intelectuais, o autor adverte que o erro metodológico mais difundido é buscar como critério para entendimento das dimensões da acepção de intelectuais no que é intrínseco as atividades dos mesmos, no sentido de uma compreensão articulada acepção “enciclopédica” desta categoria. Em vez de analisar o papel das relações entre atividades intelectuais no conjunto das relações sociais.

Segundo o autor, na sua produção teórica realizada no cárcere fascista, em específico no Caderno 12:

Quais são os limites “máximos” da acepção de “intelectual”? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas e as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, das atividades de outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais. [...] Um das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido de domínio é a sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.³

Os intelectuais orgânicos da burguesia, segundo o referido autor, são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas de hegemonia social e do governo político, suas funções são propalar o consenso entre a população de determinado sistema

² “Em outros termos: os intelectuais não são uma classe, mas uma categoria social; não se definem pelo seu lugar no processo de produção, mas por sua relação com as instâncias extra-econômicas da estrutura social; do mesmo modo que os burocratas e os militares se definem por sua relação com o político, os intelectuais situam-se por sua relação com a superestrutura ideológica. Quer dizer: os intelectuais são uma categoria social definida por seu papel ideológico: eles são produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológicos culturais.” LÖWY, M. A evolução política de Lukács (1909-1929) São Paulo: Cortez, 1998, p.25)

³ GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3. Ed. Caderno 12. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 18-19.

social segundo os paradigmas dos grupos hegemônicos, ou em busca de hegemonia, exercendo uma função político-social no sentido de mediação política e cultural.

Imprensa, intelectuais e fascismo nas primeiras décadas do século XX

A concepção gramsciana de que os fenômenos ideológicos ganharam uma materialidade autônoma não pode ser desvinculada da articulação do papel desempenhado pelos intelectuais, pela imprensa e pelos partidos políticos.

As manifestações de ideologias autocráticas chauvinistas se apresentaram na década de 1920 e 1930 como parte de um novo fenômeno político entre as ideologias de partidos da direita liberal ou das propostas de Estado socialista. Nesse contexto a hegemonia das potências ocidentais é ameaçada pela nova rearticulação de forças que potencializam a crise do bloco histórico.

Na sua obra “Introdução ao Fascismo” o filósofo Leandro Konder apontou que na análise das conflitualidades nas sociedades a distinção entre fenômenos políticos de esquerda e direita não perdem sua funcionalidade para compreendermos as manifestações em questão.⁴ Segundo Konder, Mussolini e Hitler conquistaram um lugar no centro da história a partir do século XX: “como pioneiros de uma nova concepção política de direita.” (KONDER, 2009, p. 26).

Na década de 1920 a Itália foi o cenário da implantação do regime de Estado corporativo fascista. A crise sistêmica propagada naquele contexto na Europa, América e Ásia propiciaram emergência de novos movimentos e partidos políticos acirrando a disputa entre tendências de projetos e regimes de Estado em bases dirigistas. O Fascismo surge como

⁴ O recurso aos conceitos de “direita” e “esquerda” tem sido ultimamente, muito questionado. [...] Na realidade, o conceito de direita é imprescindível a uma correta compreensão do conceito de fascismo, embora seja mais amplo do que este: a direita é o gênero de que o fascismo é uma espécie. E o objetivo do presente ensaio é exatamente esclarecer o que é que esta espécie apresenta de *novo* no quadro da evolução geral do gênero a que ela pertence. Em sua essência, a ideologia de direita representa sempre a existência (e as exigências) de forças sociais empenhadas em conservar determinados privilégios, isto é, em conservar um determinado sistema sócio-econômico que garante o estatuto de propriedade de tais forças são beneficiárias. Daí o conservadorismo intrínseco da direita. O conteúdo conservador de uma concepção não implica que ela se exteriorize necessariamente numa *política de resistência passiva à mudança*. Os conservadores sabem que, para uma política para ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude *doutrinária*. Um certo pragmatismo portanto, se encontra em todas as expressões qualificadas de direita [...]. KONDER, L. Introdução ao fascismo. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 27; 28; 29.

regime de Estado Intervencionista, um Estado de exceção e, para Poulantzas (1971), é precisamente o espectro da crise política que corresponde o advento do Fascismo.

No início do século XX as ideologias em disputa em escala nacional e internacional foram redimensionadas, através também das novas determinações propiciadas pela difusão da imprensa e pelos instrumentos e tecnologias de informação e comunicação, ainda naquele período em gradual desenvolvimento, alterando as condições materiais das disputas ideológicas dos aparelhos do Estado e dos aparelhos privados de hegemonia, como os movimentos e partidos políticos.

A herança conservadora metamorfoseou-se, aglutinando a possibilidade de articulação da mobilização da sociedade civil, com as novas condições de uma sociedade de massas, vociferando muitas vezes reativas, a necessidade de hasteamento das bandeiras das comunidades nacionais dirigidas sob a tutela do mito do Estado forte e de lideranças políticas personalistas.

A prévia- ideiação, o planejamento que antecede e dirige a ação, ao ser levada a prática, se materializa, se objetiva, propiciando causalidades e novos nexos causais no mundo objetivo. Nesse sentido, a categorização de uma teleologia chauvinista é compreendida aqui enquanto projeção de uma finalidade de ação, neste caso, de intervenção política de intelectuais herdeiros do conservadorismo, gerando novos nexos causais nas disputas e conflitualidades dentro da sociedade civil e da sociedade política. As ideologias são um instrumento de luta social e tem uma função social de legitimação ou construção de uma nova hegemonia política.

Com novas fórmulas organizacionais que se propunham a um projeto político nacionalista, corporativista, centralizado, e fortemente hierárquico, emerge a figura do líder ou do partido, que sustentada através da utilização de técnicas de propaganda modernas como a imprensa, o rádio e o cinema que se apresentavam como novas ferramentas de objetivação da práxis de militantes chauvinistas. As ações através da propaganda política por tecnologias de comunicação e informação são mediações que propiciam, possibilidades no agir, mediações estas que ocorrem na consciência e se manifestam nas práticas sociais enquanto fenômenos históricos.

Com o desenvolvimento das novas determinações na esfera do ser social, as relações sociais reificadas, que articulam os homens entre si e com a natureza, assumem uma objetividade própria, elas assumem a aparência de uma segunda natureza. Nessa situação a

vida em sociedade recebe determinações que na imediatez lhe parecem externas; por exemplo, a concepção das comunidades nacionais como comunidades naturais e o entendimento do indivíduo enquanto componente de um corpo social na acepção organicista destes termos.

As ideologias autocráticas chauvinistas têm a finalidade e a função social de ordenamento em sociedades que experimentam conflitos classistas e contradições inerentes ao funcionamento sistêmico da ordem social do capital.

Antonio Gramsci fundamentou **os potenciais do seu método de análise na nota dois do caderno 16**, dos conhecidos “Cadernos do Cárcere”, como método de crítica textual mediado pela compreensão das dimensões sociais que envolvem o objeto em investigação.

Para o autor, a compreensão dos paradigmas existentes em uma sociedade é propiciada também pelo estudo da estrutura ideológica presente nos órgãos de imprensa. Referindo-se sobre estas possibilidades de investigação, denominou no seu terceiro caderno miscelâneo na nota 49 o estudo destas fontes de análise como “material ideológico”. Proporcionando indicações importantes de como a imprensa representa um canal de compreensão importante para a investigação das organizações em disputa nas sociedades.

O pesquisador Joseph Buttigieg no seu artigo “O Método em Gramsci.”⁵ resgatou elementos fundamentais das possibilidades da crítica às ideologias através da crítica textual enquanto instrumental nas investigações sob a perspectiva materialista.

Antonio Gramsci fundamentou os potenciais do método de análise das ideologias, na nota dois do caderno 16.⁶ Fundamento utilizado nesta investigação para a compreensão dos pressupostos dos herdeiros do integralismo

⁵BUTTIGIEG, Joseph. O método em Gramsci. 1998. In: Gramsci e o Brasil. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=290>. Data de acesso: 03 de fevereiro de 2011.

⁶ Segundo Gramsci: “Questões de método, Se se quer estudar o nascimento de uma concepção do mundo que não foi nunca exposta sistematicamente por seu fundador (e cuja coerência essencial se deve buscar não em cada escrito particular ou série de escritos, mas em todo o desenvolvimento do variado trabalho intelectual em que os elementos da concepção estão implícitos) [...]. É preciso, antes de mais nada, reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual do pensador dado para identificar os elementos que se tornaram estáveis e “permanentes”, ou seja, que foram assumidos como pensamento próprio, diferente [...] ao “material” anteriormente estudado e que serviu de estímulo; só estes elementos são momentos essenciais do processo de desenvolvimento. Esta seleção pode ser feita levando em conta períodos mais ou menos longos, tal como se determinam intrinsecamente e não a partir de informações externas (que também podem ser utilizadas) [...]. Dadas estas premissas, o trabalho deve seguir estas linhas: 1) a reconstrução da biografia não só no tocante a atividade prática, mas especialmente no tocante à atividade intelectual; 2) o registro de todas as obras, mesmo as mais secundárias, em ordem cronológica, dividido segundo motivos intrínsecos: de formação intelectual, de maturidade, de posse e aplicação do novo modo de pensar e conceber a vida e o mundo. A pesquisa do *leitmotiv*, do ritmo do pensamento em desenvolvimento, deve ser mais importante do que as informações particulares e

A compreensão dos paradigmas existentes em uma sociedade é propiciada pelo estudo da estrutura ideológica presente nos órgãos de imprensa, o interprete da Filosofia da Práxis referindo-se as possibilidades de investigação dos grupos dominantes, denomina nos seu terceiro caderno miscelâneo na nota 49 o estudo destas fontes de análise como “material ideológico” proporcionando indicações importantes de como a imprensa representa um canal de compreensão importante para a investigação das organizações em disputa nas sociedades que visam desenvolver e manter concepções de ordenamento social:

Temas de cultura. Material ideológico. Um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica [...]: isto é, a organização material voltada para manter, e desenvolver a frente teórica ou ideológica. A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é setor editorial em geral: editoras (que têm um programa implícito e explícito e se apoiam numa determinada corrente), jornais políticos, revistas de todo tipo, [...]. A imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que influi e pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte desta estrutura. [...] Um tal estudo, feito com seriedade, teria uma certa importância: além de dar um modelo histórico vivo de uma tal estrutura, forma o hábito de cálculo mais cuidadoso e exato das forças ativas na sociedade.⁷

O jornal como fonte de investigação mantém as mais estreitas relações com o estado político, a conjuntura econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui o reflexo.

Antonio Gramsci foi um dos primeiros marxistas a investigar a dinâmica de desenvolvimento das condições que propiciaram o que ele denominou de Regime de Estatolatria, sendo suas primeiras análises focadas na atuação das milícias na sociedade italiana, no meio rural e urbano e seus posicionamentos foram se alterando conforme os *fascio de combattimento* foram se transformando em suporte para a instauração do regime fascista.

A sofisticação da análise gramsciana na compreensão da gênese e função social das ideologias chauvinistas é elevada ao nível da dimensão da compreensão da particularidade e totalidade do fenômeno ao compreender o Fascismo como uma nova forma de reorganização do sistema capitalista sob a lógica de um Estado de Exceção.

casuais e dos que os aforismos isolados. Este trabalho preliminar possibilita toda a pesquisa subsequente. GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere, vol. 4. Caderno 16, nota 02. Temas de Cultura, Civilização Brasileira, 2001, p. 18-19

⁷ GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere, vol. 2. 3. Ed. Caderno 03, nota 49. Cadernos Miscelâneos, Civilização Brasileira, 2004, p. 78-79.

Os apontamentos gramscianos foram elaborados no contexto de sua militância como dirigente e articulista na imprensa operária e suas apreensões propiciaram o entendimento da dinâmica do fenômeno e de suas estratégias de atuação diante da ofensiva contra os trabalhadores organizados.

Na disputa contra os fascistas foram formuladas por Gramsci nas análises da conjuntura italiana estratégias direcionadas numa perspectiva de estratégia de guerra de posição de ação direta contra o adversário.

A identificação da transformação do fascismo de organização miliciana para um novo modelo de ordenamento social estimulou em contraposição ao regime de Estolatria à estratégia de conhecimento sobre as características do inimigo, o enfrentamento no campo das idéias e no confronto direto.

A análise de Antonio Gramsci como interprete do fascismo representa um exercício de análise de sua ampla produção como intelectual dos grupos subalternos, em suas atividades como jornalista e em sua produção investigativa durante sua prisão, destacando-se o autor italiano como ativista e dirigente antifascista elaborador de uma interpretação da concepção de fascismo original e distinta nas primeiras décadas do século XX da interpretação defendida pela Internacional Comunista.

A questão dos intelectuais e da imprensa são objetos de análise imprescindíveis na perspectiva gramsciana de análise das ideologias. Um exemplo de sua produção jornalística na imprensa operária pode ser evidenciada no artigo de 1916 publicado no *Avanti!*, intitulado; “El Reformismo Burguês”:

Finalmente, a la Gazzeta di Torino há encontrado um director: El señor Italo Minunni [...] Pero no es su Carrera periodística lo que nos importa. Nos importa señalar un fenómeno que aparece marcado em esta carrera incluso exteriormente. El desarrollo del nacionalismo em Itália há marca y está marcando el surgimiento de la clase burguesa como organismo combativo y consciente. Hasta ahora habíamos tenido em Itália una burguesia política, sin programas claros y orgánicos, sin actividad económica coherente y rectilínea. [...] El nacionalismo esta dando consciencia de si a la clase burguesa. La “Idea Nazionale” es, desde este punto de vista, el periódico más importante de Itália (después de *Avanti!*): há logrado dar la pauta a toda la prensa burguesa italiana. E el proveedor de ideas, de argumentos polémicos y de valor para toda la prensa burguesa italiana. Y se a convertido también em la incubadora de energias periodísticas que brotan em enjambres de su

redacción y galvanizam lãs gelatinosas columnas de los demás periódicos burgueses. [...]»⁸

A articulação entre a atividade editorial de Gramsci, nos seus textos jornalísticos, e sua produção teórica política, como fundamentado, foi sofisticada gradualmente em consonância com o amadurecimento proporcionado pela sua práxis como liderança comunista.

Isto é evidenciado, no contexto de ascensão e hegemonia de Mussolini ao poder e, de sua experiência com a realidade soviética e internacional, já como líder hegemônico do PCI, proporcionando a ampliação de seus horizontes e seu aprofundamento teórico.

O amadurecimento teórico de Gramsci direcionou-se no horizonte de organização de condições para o confronto com os fascistas numa lógica de guerra de posição de ação direta, porém, não desvinculada da estratégia da política de Frente Única.

Estas perspectivas foram explicitadas no encontro clandestino das lideranças comunistas italianas, após o regresso de Gramsci de Moscou e Viena, denominada “Teses de Lyon”, onde foi defendida a interpretação do fascismo como um instrumento novo de domínio de classe, de potencial internacional, realizando a unidade orgânica de todas as forças da burguesia controlando o Estado.

A universalidade do método investigativo marxiano proporcionou a Antonio Gramsci gradualmente a compreensão do fascismo como uma manifestação de uma nova forma de regime de Estatolatria, advindo em sua gênese como movimento oriundo da insatisfação dos setores da pequena burguesia urbana e rural, que sob o fascio foi instrumentalizada para a contenção dos trabalhadores organizados em benefício da hegemonia política da burguesia, que encontrou nas concepções chauvinistas de ordenamento social o fundamento de uma reorganização das instituições políticas e econômicas na Itália.

Os intelectuais que identificavam as consequências da crise das primeiras décadas do século XX às deficiências da tradição liberal-democrática e as ameaças do comunismo encontraram nos ex-combatentes e, em segmentos da pequena burguesia do período, aguerridos militantes que aderiram às novas propostas políticas que refletiam uma releitura da tradição intelectual conservadora através de uma nova proposta de projeto de Estado intervencionista e mobilizador.

⁸GRAMSCI, A. El reformismo burguês. Avanti!, Ed. Piamontesa, 05 de diciembre de 1917. In: SANTARELLI, E. Sobre El fascimo. 1979, p. 36-37.

Antiliberal e anticomunista na sua lógica organizacional o fascismo colocava o Estado como sujeito histórico buscando evitar o conflito entre as classes sociais decorrentes das contradições econômicas e políticas que castigavam parte da população da Europa que foi vitimada pela Primeira Guerra Mundial.

Mussolini chamava o fascismo de “realização proletária”, pretendendo conquistar as massas, mas era a pequena e média burguesia que seus discursos e medidas agradavam. Estavam sendo desenvolvidos pela imprensa Fascista, a partir de então, o mito do grande desenvolvimento da Itália e no nível de organização do Estado, instaurou-se o Estado corporativista, cujo objetivo era controlar a classe operária facilitando a acumulação de capital através de empresas tutoradas pelo Estado intervencionista.

Para Leandro Konder (2009) a justaposição das categorias é fundamental, o autor aponta que a denominação fascista é utilizada de forma genérica como arma de luta política para desqualificar tendências reacionárias de direita, porém, o filósofo brasileiro adverte que na utilização do termo para seu uso científico, o critério da particularidade do fenômeno italiano é essencial como condição para a compreensão da diversidade das organizações portadoras de um nacionalismo exacerbado e violento.⁹

O Dicionário Crítico do Pensamento de Direita (SILVA, 2000a, p, 170.), segundo o verbete do conceito em questão, apontou que a denominação genérica de “fascismos” se deve ao fato cronológico do caso italiano, que em 1922 inaugurou uma nova tendência política que serviria de modelo à maioria dos regimes autocráticos chauvinistas.

As relações entre o conceito de fascismo e *fascio* foram explicadas através de seu sentido filológico e genético, segundo Leandro Konder em seu livro “Introdução ao fascismo”.¹⁰

⁹ Por seu teor explosivo, a palavra “fascista” tem sido frequentemente usada como arma na luta política. É compreensível que isso ocorra. Para efeito de agitação, é normal que a esquerda se sirva dela como epíteto injurioso contra a direita. No entanto, esse uso exclusivamente agitacional pode impedir a esquerda, em determinadas circunstâncias, de utilizar o conceito com o necessário rigor científico e de extrair do seu emprego, então, todas as vantagens políticas de uma análise realista e diferenciada dos movimentos das forças que lhe são adversas. Nem todo movimento reacionário é fascista. Nem toda repressão - por mais feroz que seja - exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista. O conceito de fascismo não se deixa reduzir, por outro lado, aos conceitos de ditadura ou autoritarismo. KONDER, L. Introdução ao fascismo. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular. 2009, p. 25-26.

¹⁰ O termo *fascismo*, lançado por Mussolini, vem *fascio*, que significa *feixe*. Na Roma antiga, no tempo dos césares os magistrados eram precedidos por funcionários - os *litore* - que impunham machados cujos cabos compridos eram reforçados por muitas varas fortemente atadas em torno da haste central. Os machados simbolizavam o poder do Estado de *decapitar* os inimigos da ordem pública. E as varas amarradas ao redor do cabo constituíam um *feixe* que representava a unidade do povo em torno da sua liderança. No século XIX, o termo *fascio* foi adotado por *uniões* ou organizações populares, formadas na luta em defesa dos interesses de

A configuração do significado da expressão fascismo tem raízes no contexto italiano do início do século XX, quando devido a influências futuristas do italiano Filippo Marinetti, que, em 1917, atribuiu ao termo um sentido nacionalista e autoritário.

Dois anos depois em 1919, surge na Itália o *Fascio de Combattimento*, fundado por Benito Mussolini, os militantes desse movimento eram conhecidos como fascistas e combatiam movimentos grevistas e concentrações socialistas. Quando os fascistas chegaram ao poder do Estado italiano sob a direção de Mussolini, em 1922, o símbolo foi utilizado como marca do novo regime político.¹¹

Considerações

A questão da ascensão das tendências nacionalistas entre a intelectualidade manifestadas na imprensa italiana foram os primeiros objetos de análise dos artigos de Gramsci na imprensa operária italiana, entre 1916 a 1920, de forma pioneira, ganhando profundidade e sofisticação, relativos ao tema da gênese e hegemonia do regime fascista, publicados, entre outros jornais operários, nos periódicos o *Avanti!*, *L'Unità* e *Il Grido Del Popolo*.

determinadas comunidades. Na Sicília, de 1891 a 1894, constituíram-se, por exemplo, vários *fasci* de camponeses, em geral liderados por socialistas, para reivindicar melhores contratos agrários. Quando se iniciou a Guerra Mundial, em 1914, formaram-se em vários lugares da Itália *fasci* “patrióticos”, [...]. Mussolini ficou impressionado com o surgimento destes novos *fasci*. [...]Ibid., p. 63.

¹¹ A denominação “*fascio*” havia sido utilizada para designar grupos que tinham lutas e princípios comuns. Foi o caso de Corridori e dos “*fasci* de Marinetti” - líder do movimento futurista - e mais tarde, de Gabriele D’Annunzio. Os fascistas se organizaram, a partir de 1919, em “*fasci de combattimento*”, grupos de caráter paramilitar. Os grupos de combate foram organizados nas principais cidades italianas. Os membros foram treinados, uniformizados, receberam armas e insígnias, sendo comandados por oficiais do exército. Industriais e proprietários de terras passam a financiar as forças fascistas, dando-lhes armas e suprimentos. Os *fasci* travaram lutas com as forças públicas e com as organizações socialistas de trabalhadores. As lutas travadas contra as forças italianas cessaram a partir de 1921, aumentando a força de ação contra os comunistas a partir de 1922, ou seja, logo após a criação do Partido Comunista Italiano. O confronto entre as “brigadas fascistas e os socialistas, divididos em pequenos grupos e sem uma ação comum em nível nacional, demonstrou a superioridade organizativa dos fascistas. O movimento começou a ter repercussão nacional e aumentou o número de adeptos. No início os *fasci* conquistaram e organizaram a massa proletária desarticulada e desesperançada. Mais tarde atuou junto às camadas médias da população. O confronto entre grupos socialistas e as brigadas fascistas da início a uma guerra civil. [...] A Marcha sobre Roma foi a maior ação das brigadas fascistas, com o apoio de industriais e proprietários de terras ampliaram seu poder bélico, Os “*fasci*” chegara ao número de 2.200, armados em organizados em todo a Itália tendo uma tropa de 320.000 homens. A tomada do poder era apenas uma questão de tempo. Ao assumir o Gabinete em 1922, Mussolini institucionaliza o *fascio* organizando-o como força pública. As brigadas fascistas tornaram-se força militar, sendo coordenadas por uma Secretária de Estado. GIRON, Loraine Slomp. *Fascio. Dicionário Crítico do Pensamento da Direita*. SILVA, T. F. C. et al (Orgs.) Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad, 2000. p. 169-170.

Para Gramsci, a reação chauvinista era uma manifestação de repercussões internacionais, no âmbito de uma tentativa de restauração dos Estados nacionais capitalistas, sob bases violentas. Esta perspectiva foi fundamentada no artigo de 1920 no jornal *Avanti!*, intitulado “Que es lareacción?” (GRAMSCI, apud SANTARELI, 1979, p. 64).

A articulação entre a atividade editorial de Gramsci, nos seus textos jornalísticos, e sua produção teórica e atuação política, como fundamentado, foi sofisticada gradualmente em consonância com o amadurecimento proporcionado pela sua práxis como liderança comunista. Isto é evidenciado, nos seus textos, que analisam o contexto de ascensão e hegemonia de Mussolini e do fascismo ao poder.

O amadurecimento teórico de Gramsci direcionou-se no horizonte de organização de condições para o confronto com os fascistas numa lógica de guerra de movimento, de proposições de ações diretas contra o adversário, porém, não desvinculada da estratégia da política de Frente Única. Estas perspectivas foram explicitadas no encontro clandestino das lideranças comunistas italianas, após o regresso de Gramsci de Moscou e Viena, denominada “Teses de Lyon”, onde foi defendida a interpretação do fascismo como um instrumento novo de domínio de classe, de potencial internacional, realizando a unidade orgânica de todas as forças da burguesia controlando o Estado.

Os estudos sobre o fascismo através da análise dos textos jornalísticos de Antônio Gramsci, são suportes importantes para a compreensão deste fenômeno político reativo. A sofisticação da análise do revolucionário sardo sobre esta forma de regime de Estatolatria, do contexto italiano de ascensão e hegemonia do fascismo, são potencializados pelo método de análise por ele proposto, através da utilização do enfoque nos materiais ideológicos e das ações dos intelectuais, para compreensão das formas de reação, fundamentadas em valores chauvinistas.

Referências:

- COUTINHO, Carlos N. Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus. 1989.
- KONDER, L. Introdução ao fascismo. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2009.
- GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere, vol. 4. Americanismo e Fordismo. Civilização Brasileira. _____. A. Lucha de Clases y Guerra. *Avanti!*, Ed. Piamontesa, 19 de agosto de 1916. In: SANTARELLI, Enzo. (Org.) Sobre El fascismo. México: Ediciones Era (2ª Ed), 1979, p. 35.

_____. El reformismo burguês. *Avanti!*, Ed. Piamontesa, 05 de diciembre de 1917. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 36-37.

_____. Que es la reacción? *Avanti!*, Ed. Piamontesa, 24 de novembro de 1920. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 64.

_____. A. Los dos fascismos. *L'Ordine Nuovo*. 25 de agosto de 1921. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 89.

_____. “La crisis de La pequeña burguesia”, *L'Unità*, 02 de julho de 1924. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 151-153

_____. A. “La crisis italiana”, *L'Unità*, 26 de agosto de 1924. In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 165.

_____. Después del discurso del 3 de enero. Situación política. Acta de la relación al Comité Central del Partido Comunista del 6 de febrero de 1925 (título do editor) In: SANTARELLI, E. *Sobre El fascismo*. 1979, p. 178-179.